

Capítulo XXVIII - UM NOME PARA NÃO ESQUECER JAMAIS: CASABLANCA

Não havia dúvida de que a crescente pressão emocional estava influenciando o meu processo de decisão diante das diversas situações com que estava me deparando naquela noite, desde que o Bateau Mouche começou a se inclinar. Por mais que eu buscasse associar tranquilidade e racionalidade na forma de como lidar com os desafios que decidi enfrentar, nem sempre consegui essa desejável harmonia de sentimentos.

Assim, após experimentar dois insucessos em relação às tentativas de ser erguido pelo esforço de uma dupla de abnegados convidados que estavam no convés do iate, refleti que teria sido mais eficaz pedir que lançassem uma escada assim que cheguei à popa da embarcação.

O esclarecimento a esse impasse começou a se formar para mim quando um dos homens gritou que a escada ficava a estibordo, ou seja, do lado contrário ao que eu estava. Fiquei surpreso com a afirmação, porque, dominado pela minha ansiedade em sair do mar, esperava que a escada do iate fosse móvel, de fácil deslocamento pelas laterais do barco. Mas, eu não estava em condições de contestar as declarações do homem, pois eles já tinham demonstrado muita motivação e empenho para concluir o resgate.

Recomecei, então, a nadar, contornando a popa do iate, com a esperança que a escada estivesse bem perto, pois o meu cansaço, agravado pelas duas tentativas de içamento frustradas, agia de modo a impedir que os meus movimentos de braço tivessem a extensão necessária para vencer os últimos metros que me separavam do final do meu salvamento.

Tendo alcançado o outro lado do iate, pude identificar a posição da escada, contando com a ajuda de pessoas que se agrupavam no que deveria ser o ponto de acesso ao convés. Notei que elas movimentavam seus braços e mãos como se desejassem ajudar-me a vencer a curta distância que restava para o término da minha jornada. Finalmente, consegui segurar um dos corrimãos de alumínio da escada, com a estranha sensação de que recebia um troféu pela incrível conquista que acabara de acontecer.

Capítulo XXVIII - UM NOME PARA NÃO ESQUECER JAMAIS: CASABLANCA

Ao segurar o outro corrimão, do lado direito, para iniciar a minha subida para o convés observei que a escada estava fixa, alinhada em um corte na chapa de aço da lateral do iate, produzido sob medida na dimensão da largura da escada, para permitir o seu perfeito encaixe. Desta forma, estava explicada a razão pela qual os homens que tentaram me içar a bombordo não dispunham da alternativa imediata de me lançar uma escada.

Já no convés fui recepcionado por um grupo de aproximadamente meia-dúzia de pessoas que gentilmente me entregaram uma toalha de banho e uma cadeira confortável. Um homem do grupo, com uma entonação de voz mais solene, proferiu uma frase que continha uma espécie de saudação de boas-vindas a bordo do iate Casablanca.

Casablanca...um nome para não esquecer jamais !! Um refúgio, como uma Casa, e na cor branca, expressão mundial da Paz, buscada pelos mais necessitados de acolhimento emocional.

Outro homem, provavelmente um dos que tentaram me içar, explicou que a amurada do iate era muito alta, porque, no seu projeto original, o Casablanca era um barco caça-minas usado na guerra e que, após o grande conflito mundial, havia sido adaptado para se tornar um iate. Eu ouvi com atenção o breve relato e agradei com um leve aceno de cabeça em sinal de concordância.

Antes de me sentar na cadeira que havia recebido, olhei em direção à proa do Casablanca e verifiquei a intensa movimentação de muitas pessoas, entre tripulação e convidados, que tentavam recepcionar da melhor maneira possível as vítimas que eram trazidas a bordo pelo bote a remo. Decidi que era melhor permanecer onde eu estava, porque uma pessoa cansada, com os reflexos prejudicados, perambulando por uma área congestionada, poderia causar esbarrões com possíveis quedas.

Eu já estava sentado, com os cotovelos apoiados nas pernas e a cabeça baixa, amparada pelas palmas das mãos, e com o olhar perdido em algum ponto do piso do iate, quando uma mulher se aproximou. O par de reluzentes scarpins de cor clara que ela usava foi captado pelo meu campo de visão. E mesmo sem alterar a posição do meu rosto, foi possível notar que ela usava meias compridas brancas, destacando os contornos das panturrilhas.

Capítulo XXVIII - UM NOME PARA NÃO ESQUECER JAMAIS: CASABLANCA

Possivelmente sem esperar reação da minha parte, ela me fez duas ou três perguntas a respeito do meu estado de saúde e se eu estava com familiares. Sem levantar a cabeça e apenas afastando os dedos da boca para que as palavras não saíssem abafadas e incompreensíveis, disse que estava com uma namorada, mas que nós nos separamos quando o Bateau Mouche virou e mergulhamos na escuridão.

Evitando ser deselegante diante das minhas respostas curtas, sem fitá-la, ela me desejou boa sorte e que eu tivesse um final feliz ao lado da minha namorada. Antes de se afastar, da mesma forma suave como havia chegado para prestar solidariedade, ela passou levemente uma das suas mãos pela minha cabeça.

Nesse momento, a minha mente foi invadida por um pensamento novo e que logo mostrou-se torturante. Como as minhas esperanças de encontrar Ana tinham se reduzido a zero, a atitude que surgia para mim como consequência praticamente imediata era: o que dizer para os pais dela sobre o que acontecera naquela noite? Sim, eu era o responsável pelo convite para o passeio macabro que tirou a vida da filha deles. Por mais bem-intencionado que eu tenha sido, o fato é que eu não me detive o tempo necessário para avaliar os riscos da viagem. Agi com empolgação juvenil e nem me preocupei em perguntar-lhe antes se ela sabia nadar.

Esse sentimento de culpa que surgira começara a se desdobrar, com rapidez, em outras situações críticas associadas a responsabilidades futuras que certamente recairiam nos meus ombros, como acompanhar as buscas para encontrar o corpo de Ana.

Eu mal tinha sentado para tentar me recuperar do enorme esforço que fizera no mar e esses tormentos surgiram de forma alucinante, agravando ainda mais o meu já depauperado estado emocional.

Como estivesse despertando de um pesadelo, levantei-me da cadeira com um único e súbito movimento, tentando me desvencilhar das cobranças comportamentais que eu começara a me impor. Ainda um pouco tonto, dei alguns passos em direção à amurada do iate e observei que, por coincidência, estava no mesmo ponto do convés de onde a dupla de passageiros tentou finalizar o meu salvamento.

Capítulo XXVIII - UM NOME PARA NÃO ESQUECER JAMAIS: CASABLANCA

Aproximei-me da lateral a ponto de observar o mar bem próximo ao iate e constatei que a longa distância até a água representava um forte impeditivo para que eu fosse içado com sucesso. Continuei olhando para baixo e notei que, estranhamente, o mar estava calmo, sem ondulações significativas no momento, de modo que os detritos e resíduos do naufrágio, que ainda boiavam, pareciam imóveis, fixos na superfície.

Com o olhar perdido naquela triste imagem, a minha consciência abriu espaço para revisitar uma vivência no passado. Lembrei, então, que, coincidentemente, há quinze anos atrás, eu também contemplava do alto, uma água escura com detritos, tentando elaborar uma forma de relatar para o meu próprio pai o final de outro grave acidente.

